



Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário * 1 de Outubro de 1983 * Ano XL — N.º 1032 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

OBRA DA RUA

● Sabemos bem que a Obra da Rua não são as nossas Aldeias de pedra a cal. Estas, apenas um fruto. Antes foi ela no coração de Pai Américo, nos degraus carcomidos dos Pobres e nos casarões onde se fizeram as primeiras Colónias de Férias.

Senti isto, nitidamente, quando saímos da nossa Aldeia, em Malanje (África), por ter sido nacionalizada: As manadas de gado continuaram a pastar; as paredes, imóveis; e as árvores, mudas.

Porém, ao despedirmo-nos uns dos outros, sentimos que alguma coisa entre nós ficara indestrutível. Que um botão continuaria a abrir em flor — e esta a dar frutos.

— Quando me leva!? — disse-me, e dizia-me sempre que me encontrava, o Lupricínio.

Ele era — e é — o mais pequenino. Não conheceu a mãe. O pai morreu na guerra. Não tem mais ninguém! A Obra da Rua plantou no seu cora-

çãozinho a semente... e ele grita a filiação — mostrando o espírito de família.

— Quando me leva!? Deu flor e fruto!

Não perdi, ainda, a esperança de trazer-te — meu querido... Então, faremos, tu e eu, um poema lindo para oferecermos aos nossos Leitores de Angola e de Portugal. Espera só.

Podemos perder todas as Aldeias de pedra... Mas ninguém é dono da sementezinha que está no coração do Lupricínio: — Quando me leva!?

● A Obra da Rua **«é um fruto das Obras de Misericórdia praticadas com a intenção de que o mundo veja e glorifique o Pai Celeste».**

Um dia, fiquei impressionado com um dos nossos rapazes a quem a vida não estava a correr bem. Chorou. Na alma, as marcas firmes da bondade e paciência que o Padre José

Maria lhe deu, todos os dias, durante oito anos.

Valeu a pena a dor e o sal — porque conduziram este rapaz ao conhecimento do Senhor.

Este o fruto mais rico! A verdadeira face da Obra da Rua, pois a árvore se conhece pelos frutos.

Que diremos da multidão de almas levadas ao Senhor pela mão de Pai Américo!?

Para que alguém conheça e glorifique o Pai Celeste... Este o fim sublime e primeiro da Obra da Rua.

● A Obra da Rua realiza-se pela **incarnação** (dos que a servem) na sua alma — a caridade; e no seu corpo assistencial. Incarnação que exige a entrega total nas mãos do Senhor para a caminhada de doação inteira às Crianças e

Cont. na pág. 4

ADOÇÃO

Passou ontem por aqui mais um casal em procura de um pequenino para adoptar. «Rapaz ou rapariga, não importava... Se um filho nos nascesse naturalmente, também lhe não escolheríamos o sexo e aceitaríamos alegres quem viesse!»

A nossa lista de espera cresce constantemente. E, quanto sei, em todas as Instituições mais vocacionadas — ou como tal supostas — para dar pistas aos adoptantes em desejo, acontece semelhantemente. É pena! É um prejuízo social!

Quantas crianças nascem sem amor, sem serem queridas, condenadas a arrastar pela vida fora a condição do seu nascimento! Quantos casais sofrem o desgosto de não terem filhos, prenhes de amor a dar, sem terem a quem o dar segundo o modo mais adequado à sua vocação conjugal!

A **adoção** surge como possibilidade de encontro de duas carências centradas sobre uma verdade afectiva em busca da sua realização.

A **adoção** é um instituto jurídico tradicional do nosso antigo direito, mas caído em desuso desde o século XVI e proscrito em 1867. Restaurado pelo novo Código Civil, foi-o em condições tão rigorosas que o tornava praticamente inexecutável, um «luxo jurídico» como uma vez me disse um

homem de leis. Foi a Reforma de 1977 que flexibilizou essas condições e lhe conferiu um interesse que, anteriormente, não chegou a ter.

A **adoção** é um vínculo que, à semelhança da filiação natural, mas independentemente dos laços de sangue, se estabelece legalmente entre a pessoa ou pessoas adoptantes e o adoptando. É um parentesco legal criado à semelhança do parentesco natural, mas **verdadeiro** parentesco e não apenas ficção da lei, porque assente em uma **outra verdade** que não a **biológica**: a **verdade sociológica** ou **afectiva** que, aliás, tem grande relevância em todo o direito moderno da filiação.

É esta **verdade** que constitui o espírito do instituto jurídico da **adoção**. Espírito novo que põe a tónica da **adoção** no serviço do adoptado e da infância abandonada ou desprotegida; e não, como antigamente, no interesse do adoptante que, às vezes, era, principalmente, a vontade de assegurar a perpetuação da família, a transmissão do seu nome.

Hoje, em todas as legislações modernas em que este novo espírito preside, a **adoção** é um instrumento válido

Cont. na 3.ª pág.

A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila e sã. Cada rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela. Que nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brio, a iniciativa, a personalidade — tudo procede daquela fórmula. É a nossa divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. O trabalho deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem.

Padre Américo



Partilhando

□ O «Alentejano», também conhecido por Elói, é um dos nossos mais pequenos de quem já temos falado — pela estranheza do seu comportamento, em certos momentos. Ele veio, para a nossa Casa, como sendo uma criança normal. No entanto, é atrasado. Ninguém o diz. A conversa que faz é elevada, até uma certa admiração. Na convivência com os outros é comunicativo e sem qualquer sombra de complexos. De quem nos visita, procura atrair a devida atenção. Em público, mostrá-se à vontade. Sabe cantar e dançar, rir e chorar!

Um dia destes, no fim do almoço, aproxima-se de nós, com cara sorridente e pergunta:

— Sabe onde fica Custóias?

Admirados com a pergunta de mau agoiro, respondemos que sim.

— Então, havemos de lá ir ver o meu irmão mais velho que está preso... — disse ele, sem ar de magoado!

É verdade! Quantas voltas a vida já deu àquela cabecinha para assim falar de coisas complicadas com tanta simplicidade! A miséria do mundo, seja ela qual for, caustica os sentimentos e endurece o co-

Cont na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O deficiente reside em freguesia próxima, banhada pelo Rio Sousa, cujo vale, exuberante de verdura, celeiro de muitos lavradores, está emoldurado de ramadas que produzem o célebre vinho verde — único no Mundo.

Este Amigo foi um dos que largou a foice e o arado — seduzido pelo comboio... — rumo à cidade, nos alvares das grandes migrações internas, de história recente. Um dia, porém, é vítima de acidente. Fica com as pernas inutilizadas. Mas não se dá por vencido! Perora um veículo de rodas, motorizado, para se lançar no comércio ambulante — e, assim, equilibrar a economia doméstica. Tomamos alturas... Compramos o carrinho. Aconselhamos que receba, em primeiro lugar, a necessária instrução, para depois regressar a casa, sozinho, mãos no volante, e ser alegria completa entre os seus.

Demos a cana para ele pescar... Ouvi-lo narrar a primeira viagem, do Porto a casa, ainda hoje é um encanto!

Mas, agora, surge, outra vez, apoio-das nas muletas!

— Que lh'aconteceu!?

— O carro avariou. O serralheiro não tem peças, nem eu posso comprar...! Têm de vir do Porto, onde compraram o carro.

— Afinal não é uma reparação dispendiosa...

— O serralheiro não leva nada pelo conserto. As peças custam à volta de quatro contos.

Acendemos luz verde. Regressa com outra oara, pois não quer ser peso, mas um homem útil a si e aos seus.

● Derreada, é o termo, pelos males que a atormentam, corolário do muito que sofreu pela vida fora.

— Ai Jesus! Eu cá ando... como Deus quer!

Pousamos, discretamente, nas mãos desta pobre mulher, três notas por mês. Ela não tem mais de onde venha, regularmente, seja o que for. Suporta o calvário na solidão!

— Agora vou, já, ó senhorio, pagar a renda da casa... Ainda são duzentos mil réis. Está tudo a subir... e a renda não tarda a ir por aí fora, intê não poder mais! As cousas estão assim. A gente não pode fazer nada!

Um desabafo doloroso!

No entanto, enquanto Deus quiser — Ele é que é! — não faltará um ninho, ainda que humilde, para esta pobre mulher.

● Os jornais publicaram breve síntese de um estudo elaborado pela Comissão da Condição Feminina — sobre a violência familiar «que tem evoluído em intensidade; vai do pontapé às tentativas de estrangulamento, passando pelo murro, bofetadas, queimaduras com cigarros, ferro de engomar, água a ferver e outros». Revolando, ainda, que «este tipo de violência está não só generalizado no meio urbano, e rural como a todos os níveis sociais, diferindo, nestes últimos, apenas os meios utilizados».

Apesar do carácter unilateral das situações de violência — em que a análise se fundamenta — conclui a C. C. F.: «Em nenhuma situação existe um agressor mau, que agride, e um agressor bom. Existe, sim, uma série de interações que culminam na violência».

Eis a verdade!

Nesta vida a que a gente se devota, onde impera a miséria, uma vez por outra somos chamados a deitar água na fervura. «Casa onde não há pão...»

PARTEILHA — Um vale de correio, de «velha Amiga», de Lisboa, como «graças a Deus tem feito trimestralmente». Sobras de Paço de Aroos. «Com todo o carinho de uma ex-vicentina», 2.500\$00 — «migalhinhãs» para os nossos Irmãos precisados de ajuda». Quando se entra nesta vida, jamais se perde o gosto...! Outro vale, de Espinho, «para ser aplicado em benefício dos velhinhos, por alma de minha mãe». La Croix-Rouge (França), 7.500\$00 — «fruto de dezasseis horas de trabalho normal ao domingo (que me calhou cumprir) destinados a uma mãe viúva ou solteira em dificuldades, ou para socorrer um desempregado... «A escolha fica ao vosso critério». Mais 2.500\$00, da Assinante 20.322, «para Viúvas com filhos». Um vale de correio de «Uma Assinante de Paço de Aroos». Com parte do seu vencimento mensal — acto que pratica há muitos anos! Assinante 26015, de Vila Real, 250\$00 «para os mais necessitados». Alguirão com 1.000\$00 de «um Casal Amigo» para «uma senhora idosa».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

VACAS — Nunca prescindimos do leite para o desenvolvimento dos rapazes. A maioria de nós todos vive na idade do crescimento e o leite é um alimento essencial. Por isso, o nosso Padre Moura reestruturou e mecanizou os estábulos, para termos mais gado e haver mais leite. Comprámos várias cabeças de boa qualidade e trocámos outras. Mas, entretanto, surge a peste — a peripneumonia! As vacas adoecem; continuam



As vacas da nossa Aldeia, em Paço de Sousa, sofrem os efeitos da peripneumonia que grassa no País. Um desgosto para o Padre Moura! E sofrem também os nossos rapazes dedicados à pecuária, alguns dos quais — além do peito de suas mães... — nem sempre bebiam uma gota de leite, como ora têm à mesa das Casas do Gaiato! Por isso, tem muita razão de ser o amor que eles, os rapazes, votam ao gado — no cumprimento da sua tarefa diária!

a adoecer e não tardam a morrer! Presentemente já estamos a ficar sem pinga de leite — que é tão bom!

DESPORTO — O torneio rolou e de que maneira! A nossa actuação foi mais ou menos. O melhor dos nossos quatro atletas foi eliminado nas meias-finais de ténis de mesa e os outros ficaram pelo caminho.

Na corrida dos 1.200m obtivemos a seguinte classificação: 2.º, 3.º, 4.º e 5.º lugares.

Nos 4x400m apresentámos duas equipas, que ficaram em 2.º e 3.º lugares.

Nos 15.000m conseguimos classificar-nos do 2.º ao 8.º lugares.

No fim do torneio obtivemos o 3.º lugar por equipas.

Felicidades para todos, que o Desporto é uma festa em nossa Aldeia!

VISITANTES — A nossa Aldeia tem sido muito visitada, no resto do Verão! São Amigos de todo o País, muito especialmente cá do Norte. São excursões e mais excursões! Alguns visitantes trazem a família inteira e alapam-se, na sombra, com os seus farnéis.

Nós somos a Porta Aberta!

Fernando Silva

IMPUNIDADE NO CORRITO

FÉRIAS — As aulas estão à porta. Vai recomeçar o tempo das correrias entre a cadeia de «casa e emprego», que prende a vida daqueles que trabalham, e que regressam ou já regressaram das suas férias. De qualquer modo, é já pequeno o número dos que só agora vão para férias; a maioria regressou ou está a acabá-las.

Aqui, em nossa Casa, começámos, há algum tempo, a aumentar o nosso ritmo de vida, embora não tenha atingido grandes proporções, pois que, só de vez em quando aparecem trabalhos com maior necessidade de execução.

AGRICULTURA — Estamos habituados a ter, à sobremesa das nossas refeições, frutos da época. Depois das peras, são as maçãs, embora não estejam, ainda, completamente

maduras. Comemo-las cozidas ou assadas no fogão, saborosas. Está a chegar a época das vindimas, e as nossas uvas já nos convidam. Estamos à espera que o nosso milho seque, para a apanha da espiga.

Últimamente tratámos dos novos terrenos que a Câmara nos deu, em troca dos que tinham tirado para a construção de uma avenida que atravessa a meio a nossa quinta. Numas das terras plantámos cerca de 3.000 couves tronxas: uns abriam as couves; outros punham as couves que eram tapadas levemente com terra; um grupo dos mais pequenos punha, em seguida, estrume com padiolas, enquanto outro tornava a pôr terra por cima do estrume; e, por fim, as couves foram regadas. O trabalho ocupou-nos várias horas. Mas, terminado, dá-nos a esperança de ver justificada a acção com a promessa de quando as couves estiverem crescidas, sirvam para o enriquecimento da nossa alimentação.

Também nos ocupámos em tornar produtiva uma nova parcela de terra, com sucessivas lavras. O solo estava muito duro e cheio de grama. Um grupo esteve, ainda, ocupado nessa tarefa, e muita foi a grama que de lá se tirou.

Alguns de nós estamos, também, por vezes, muito duros, cheios de grama — e nem sempre aceitamos que nos ajudem a tirá-la, para que floresça a boa semente.



Paula Alexandra e Cristina Fernandes — filhas do Matos — no dia da sua Profissão de Fé, em uma paróquia da cidade invicta.

Vamos, depois, encontrá-los nas prisões, nos sanatórios ou nos diversos locais de prostituição, servindo de pasto a outra miséria.

As crianças da rua também são filhos do País... E ficamos tristes por serem tão poucos os que olham, seriamente, pelo «lixo das ruas».

Os senhores desculpem por eu falar assim, um pouco duro, mas sem demagogia. Não sei dizer mais, nem melhor, para amenizar a culpa dos adultos — que podem fazer algo por tantas crianças levadas para a pedincha ou para a vadiagem. A candeia não é para colocar debaixo da mesa.

MÃES — O Marinho («Té») um dia destes vem ter comigo. Depois de muito se repetir, entendi. Queria que fosse pregar, no seu quarto, algo que a D. Odília ofereceu na visita que ele e outros lhe fizeram ao convento.

Este pequenino foi criado pela D. Odília, que sabia ser mãe dele — de todos. Mas, pela sua ida para a vida monástica, estes rapazes ficaram ainda mais «órfãos»!

Hoje, em Fátima — onde estamos em Retiro — apeteceu-me dizer à multidão de fiéis da «orfandade» dos nossos pequeninos, aqui e noutras Casas da Obra da Rua. Limitei-me, porém, a lembrar à Mãe do Céu — e nossa Mãe — não esqueça que as Casas do Gaiato precisam de mães para tantas crianças que, todos os dias, nos batem à porta.

TERNURA — No refeitório da Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal, um pequenito estava encostado à parede, enquanto



CARTAS

«25/8/83

Caríssimos irmãos:

Como sempre (ou quase) atrasada em tudo que se relacione com escrita!

Dentro de mim é um mundo de ideias, de sentimentos. Mas qual quê! Transmitem-las para o papel é que é um sarilho, pois repentinamente tudo se transforma num vazilo!

Desejo sinceramente que os livros de Pai Américo, por mim pedidos, não se encontrem esgotados. Confiante estou que a leitura dos mesmos me seja muitíssimo benéfica e reconfortante, pois se o é a leitura do vosso (nosso) pequenino (tão grande) jornal O GAIATO!

Juntamente envio um cheque de cinco mil escudos, dos quais quinhentos são enviados pelo meu filho mais novo, de dez anos, tirados das suas economias — dinheiro que lhe dão — e que se prontificou a enviá-lo, dizendo que são para a Obra da Rua. Dei-lhe a conhecer a vossa Obra — e muito o sensibilizou.

A outra quantia será para os livros e uma migalhinha para tapar algum buraco mais premente.

Este meu filho — tenho outro, com dezasseis anos, e que diferente sempre foi! — é muito sensível e já uma vez disse que gostaria de seguir a vida sacerdotal para poder servir a Jesus na sua totalidade, o que me daria imensa felicidade. Nunca o entusiasmei, embora na altura o tenha apoiado. Receio influir demasiado na sua vida futura — e não ser a sua verdadeira vocação. Como sou viúva, quase há dois anos, mais difícil me é decidir: se entusiasma-lo ou apenas deixá-lo decidir mais tarde.

(...) Juntamente vai a franquia postal para a vossa resposta. Não porque recele que o não fizessem, mas porque me dá alegria poder fazê-lo, pois tudo aumenta e os selos não fogem à regra.

Com muita amizade e carinho,

Assinante 12.310



«Sou assinante de O GAIATO há cerca de um ano, embora já conhecesse a Obra do

Padre Américo há muitos anos.

Tenho a dizer que fiquei surpreendido como fazem a divulgação das obras por vós editadas. Não é com «pedinçices», às vezes bastante maçadoras, que se consegue o que Ele quer. O que é preciso é enviar a Mensagem de Cristo ao encontro dos Homens, que



Como a nossa freguesia pertence ao concelho de Penafiel, o Artesanato de Ordins esteve, mais uma vez, representado na AGRIVAL, por duas raparigas a trabalhar em chales, filhas de antigas tecedeiras que tantos chales fizeram para todo o País e estrangeiro.

Muitas pessoas falaram comigo, interessadas pelo desenvolvimento da nossa acção. Registámos, mesmo, a encomenda de duas colchas de casal. Eis o preço das colchas: de casal, em lã e algodão, 5.000\$00; de solteiro, com 1,50m de largura, fora a franja, 3.750\$00.

Temos uma colcha, toda de algodão, que seguirá para quem a desejar, na volta do correio.

Espero que cheguem, entretanto, mais encomendas, para que não falte trabalho à rapariga que aqui trabalha.

Recebemos alguns donativos para a restauração do edifício-sede da nossa obra: Maria Braga, do Porto, 1.000\$00; Alameda Conde Oeiras — Oeiras, 1.000\$00; Maria Correia, de Olhão, 1.000\$00; Maria Silva, de Linda-a-Velha, 2.000\$00; Emília Clara, de Lisboa, 500\$; Anónima, de Braga, 1.000\$00; «para ajuda das obras com desejo de saúde e Paz em Cristo», 1.000\$00 de Ernesto Silva, Lisboa; Isaura de Sousa, da Parede, 1.000\$00; Anónima, de

a resposta não tarda a aparecer.

Todo o Homem, por mais descrente que se intitule, no fundo, quando Ele bate à porta, sente sempre algo que o quer fazer despertar para a Vida. Muitas vezes esses indivíduos fingem não ver a Verdade e continuam a vegetar neste planeta chamado Terra.

Quer queiramos quer não, temos de os convencer que quanto mais tardarmos a despertar, mais atrasamos a nossa marcha e que a vida material tem que ser levada em paralelo com a espiritual.

Eu andei num Seminário dos 10 aos 14 anos e saí de minha livre vontade, pois não me sentia atraído pela vida sacerdotal, embora continuasse a ter a minha crença. Agora tenho

28 anos, sou casado, pai de dois filhos e sou feliz.

Talvez influenciado por esta vida tão materialmente enraizada, afastei-me um pouco da realidade da Vida, durante um certo período de tempo, até que senti como que um chamamento quando o meu espírito andava baralhado e confuso.

Tive necessidade de cultivar mais o espírito e entendo que este se cultiva praticando o Bem e repelindo o Mal.

Sou um grande admirador de Cristo e acredito que espíritos como o do Padre Américo são como que os «Porta-voz» da Sua doutrina que é tão simples, mas às vezes tanto a complicam.

(...) Continuai a sua Obra que, no fundo, é para bem do Homem...»

CANTINHO dos RAPAZES

Uns dias de contacto mais directo com os lugares santos — regados pelo sangue de mártires e heróis de Jesus Cristo — este contacto fez-me pensar muitas vezes em vós, Rapazes, especialmente nos casados.

É muito fácil sermos levados no turbilhão do mundo. Vivemos esta vida como se fosse a única. Ambicionamos os bens deste mundo como se eles dessem resposta plena às nossas ambições.

«Repara no que fazes e onde constróis. Estás a construir sobre areia? Virão as chuvas, transbordarão os rios, soprarão os ventos e investirão contra essa vida; e ela cairá e será grande a sua ruína.» «Retira da areia a tua construção; edifica sobre a pedra; quem deseja ser cristão tenha o seu fundamento em Jesus Cristo.»

Recordo muitas vezes — e recordei especialmente nestes dias — o que Pai Américo nos

deixou escrito e em testamento: «A Capela seja o centro. Se eles não vierem, os padres da rua chorem os selos pecados».

Junto dos túmulos de Pedro, Paulo, Lourenço, Cecília, Francisco, Clara, António, Teresa, João XXIII, Paulo VI — que nos precederam na Fé e agora dormem o sono da Paz — eu rezei por todos vós e pedi que vos sintais comprometidos como cristãos, filhos de uma Obra que Deus quis fazer nascer na alma dum padre — Pai Américo.

Pensei na vossa vida religiosa e nos vossos actos como cristãos: a Eucaristia dominical, a oração em família, o ensinar vossos filhos a rezar — que os pais são os primeiros catequistas dos filhos. Devem mandá-los à Catequese, ou a frequentar as aulas de Religião e Moral, e motivá-los para movimentos cristãos que os ajudem a caminhar como filhos de Deus.

Pensei naqueles que constroem a vida sobre a areia. São tantos! São tantos os que ajudem a criar! Nestes dias de mais oração senti mais a dor pelos que andam afastados. Rezei por todos. Rezai vós também. Rezemos todos para que a vida de todos tenha «seu fundamento em Jesus Cristo».

Maria Augusta

Padre Horácio

ADOPÇÃO

Cont. da 1.ª pág.

no quadro geral da protecção da Infância. É um instrumento de interesse público, não apenas pela cobertura que pode dar a tantos problemas sociais resultantes do abandono ou da incapacidade da família natural para a criação e educação dos seus filhos, como também pela intervenção necessária do Tribunal de Menores que só pode decretar a adopção quando esta apresenta para o adoptando reais vantagens e se funde em motivos legítimos que compete ao Tribunal julgar com a imparcialidade que é seu dever. E uma das exigências condicionantes para a sentença judicial que constituirá a adopção é a suposição razoável de que se estabelecerá entre o adoptante e o adoptando um vínculo semelhante ao da filiação natu-

ral, de modo a garantir a estabilidade desse vínculo uma vez constituída a adopção, cuja revisão de sentença (ou revogação no caso da «adopção restrita») só pode ser permitida em casos excepcionais que a lei prevê.

A adopção não se trata, pois, de um contrato de concepção privada, de um «negócio jurídico», como, à primeira vista, pode aparecer às nossas sensibilidades, exactamente pela necessária intervenção de um árbitro oficial, o Juiz de Menores, sem a qual a adopção não pode ser constituída. Ela resulta, portanto, de um acto de direito privado — a declaração da vontade do adoptante e, eventualmente, o consentimento de outras pessoas; e de um acto de direito público — a sentença judicial. Ambos os actos integram o processo constituinte da adopção — o que manifesta que ela há-de justificar-se não só à luz dos interesses particulares do adoptante e do adoptando, mas também à luz do interesse geral.

Fico-me neste breve apontamento, mais informativo que reflexivo, sobre a lei que temos. Não me parece má. Mas certo é que a bondade desta (como a de todas as leis) depende sempre da aplicação que a jurisprudência dela fizer. Oxalá a burocracia judicial a não emperre.

outros permaneciam sentados à mesa. Ele chorava. Atento, o chefe-maioral leva-o para junto de si, para a mesa que lhe pertence, e fala com o chefe da dita. Não quis sentar-se ali! O maioral decide imediatamente; leva-o para o seu lado. O contentamento da criança!... A alegria do chefe por ter conquistado o miúdo que antes chorava e, agora, sorri! Uma acção de ternura familiar! Ainda agora saboreio o melhor daquela minha refeição!

Ernesto Pinto

Padre Carlos



O «Eúrithos» mal as ovelhas e as cabras — símbolos de mansidão, de paz, na vida da nossa Aldeia!

Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procissão vai repleta de novos Assinantes de todo o País e de várias partes do Mundo — onde bata um coração português!

Um postal do Gerês, com belezas da região, ilustrado pelo texto duma leitora, diz assim: «Amigos: Arranjei mais duas assinaturas...»

Impera o sinal mais!

No mesmo ritmo, com a mesma devoção, passa a assinante 25.454, da Cova da Piedade:

«Duas minhas colegas de trabalho também querem ser assinantes de O GAIATO... Logo que possam, enviem o jornal para as ditas moradas. São pessoas idóneas.»

Caminham, na procissão, cada vez mais, novos Assinantes motivados pela leitura esporádica de O GAIATO ou de livros de Pai Américo. Felizes! E de coração a sangrar ou d'alma inquieta — e aberta nos dois sentidos da Cruz.

«Envio este cheque para uma assinatura de O GAIATO. Estou a viver em Gronan (República Federal da Alemanha). O GAIATO ajudará a libertar-me de muitos problemas — e a pensar nos Outros.»

Ermesinde:

«Trabalho numa biblioteca e, quando estava a proceder à colocação e arquivo dos livros no devido lugar, deparei com obras do Padre Américo (de quem tinha ouvido falar vagamente). Confesso que fiquei maravilhada com a acção desenvolvida pelo Padre Américo. (...) Será que me posso inscrever como assinante de O GAIATO?»

Já o tem em sua casa.

Entre as legendas que passam pelos nossos olhos pecadores — e quem dera pudéssemos transcrevê-las todas! — há uma, porém, das terras de S. Pedro do Sul, muito curiosa:

«Tenho O GAIATO de 3/12/77 que me foi oferecido

por..., já falecido. Durante estes anos não soube do jornal. Hoje, casualmente, encontrei-o! Fiquei muito contente, pois quero assiná-lo.»

Em suma, eis os locais de partida da procissão: Fajozes (Vila do Conde), Torre da Marinha (Seixal), Vila Nova de Gaia, Santo Tirso, Guimarães, Almada, Linda-a-Velha, Torres Novas, Brejos do Assa (Setúbal), Espinho, Valadares, Vilar do Paraíso (Gaia), Setúbal, Reguengos de Monsaraz, Paio Pires, Cartaxo, Godim (Régua), Cova da Piedade, Pinhal Novo, Seia, Fontinha (Febres), Coimbra, Cascais, Alcorochel (Torres Novas), Mogadouro, Maia, Mafra, Leiria, Macieira (Vale de Cambra), Torrão, Borba, S. Pedro do Estoril, Carcavelos, S. Mamedé de Infesta, Fânzeres, Valbom, S. Pedro da Cova, Senhora da Hora, Valongo, Águas Santas (Ermesinde), Rio Tinto, Golegã, Santarém, Braga, Condeixa-a-Nova, Oliveira do Douro, Benedita,

OBRA DA RUA

Cont. da 1.ª pág.

aos Pobres. E esta doação supõe o mergulho na fé. «Recordem a toda a hora que com Ele nada é impossível. O Padre da Rua não aceita dúvidas.»

Mas quão numerosas as faltas de fé...! Também pela preocupação comum da falta, na Obra da Rua, que se começa a sentir, de sacerdotes e de senhoras.

Só a Misericórdia do Senhor — sempre pronta a perdoar e a suprir as nossas muitas misérias... E a dar-nos a certeza de que são muitos e variados os Seus caminhos.

Padre Telmo

Aradas (Aveiro), Oeiras, Gulpilhares, Louredo (Penafiel), Porto de Mós, Pombal, Chaves, Vila Real, Aveiro, Custóias (Matosinhos); muitos tripeiros e lisboetas; uma coluna de Queluz — e outras, supra ditas, do interior ou do litoral — todos anónimos, no meio da multidão, unidos no mesmo fervor. Os que estão longe, porém, é delicado trazê-los mais junto ao coração: Fairfield (Austrália), Ontário (Canadá); e Lesigny, Chalons-sur-Marne e Paris — França.

Júlio Mendes

Partilhando

Cont. da 1.ª pág.

ração. E os filhos da miséria falam assim dela, com toda a coragem. Impressionante!

□ Um ou outro caso de rapazes que daqui fugiram, na idade dos sonhos e da aventura, têm conhecido a experiência das cadeias. Casos raríssimos, felizmente.

O Paulo Neves fugiu, há dias. E foi para a miséria — que é a casa de sua irmã, em Aveiro. Antes dele, já o irmão fizera o mesmo ao fugir da nossa Casa — que era sua — e ao escolher a dela que o pôs na rua. Por isso soubemos, por pessoas amigas de lá, interessadas no caso, que o exemplo e os pedidos do irmão, para que volte para a nossa Casa, têm sido em vão. A rua atrai... e a miséria tem muita força! Só a vence quem ousar a outra força — a da Justiça, com o Amor.

O Paulo Neves tem 14 anos. Está connosco, há três, por ter perdido os pais. Ele é o mais novo dos irmãos. Destes, a começar nas ilhas, passando pela cadeia e acabando na rua, só tem recebido desgostos e mau exemplo.

Não pode ser! Temos de o arrancar daquela ilha, de Aveiro, e trazê-lo para a Casa que ainda é sua. Para o salvar daquela miséria que ainda não é sua. E, se assim não for, poderá sê-lo.

Padre Moura

CONVÍVIO

A malta criada na Obra da Rua e que actualmente reside na área de Lisboa, anda muito dispersa. Convém, pois, obstar a que isso continui; independentemente de pertencermos a Paço de Sousa, Santo Antão do Tojal, Miranda do Corvo, Setúbal, etc., somos, e continuaremos a ser, uma família.

A malta do Porto encontra-se. A de Setúbal e Coimbra, idem. Então e Lisboa? Cá estamos, pois, por iniciativa do nosso Eurico — sempre ele — a marcar encontro com todos os galatos que residam na área de Lisboa, aproveitando, que melhor data poderia ser?, a passagem de mais um aniversário natalício do nosso Pai Américo — 23 de Outubro.

Assim, caro gaiato que resides na área de Lisboa — não se excluem os de fora — contamos contigo.

Podes entrar em contacto com:

— Eurico — Rosicler (Rua Augusta, Lisboa — tel. 360209)

— Mário — Expediente-geral/HCL (Cp.º Mártires da Pátria, 91 — 1.º — esq.º — Lisboa — tel. 40523)

levando, claro, duas notas de 100\$00, que servirão de sinal. Sabes?, temos que defender a marcação de restaurante; aliás, ainda em conversações, o que não impede que vás tratando da tua inscrição. Convém antecedência. Depois..., no dia 23 de Outubro, comparece na Igreja do Retiro «O Bom Pastor», na Buraca, onde, pelas 10 horas, será celebrada a Santa Missa por alguns dos nossos Padres (a sua presença é uma exigência dos rapazes). Depois da celebração eucarística, seguiremos para o almoço, em princípio n'«O David», também na Buraca, onde, como é óbvio, prosseguiremos o nosso convívio.

Oportunamente darei mais notícias. Até lá, um abraço do

Mãrinho

Lar Operário em Lamego

• BONDADÉ

Por motivos de saúde tive de passar uns dias na Unidade Coronária do Hospital de S. João (Porto).

Não havia dores; não havia má disposição. Um repouso obrigatório dava-me tempo para reflectir. O que se passava à minha volta, as atenções e os cuidados que todos dispensavam aos doentes, indistintamente, obrigaram-me a pensar na força, no valor e nos resultados, mesmo terapêuticos, da bondade.

A higiene, o asseio, a vigilância médica, o saber dos clínicos, não despertaram tanto a minha atenção, como a maneira bondosa de atender cada um dos internados. E isto nas vinte e quatro horas do dia, mesmo naquelas que entravam noite fora. O pessoal da equipa, sentado em cadeiras especiais, ou mesmo vulgares, esperavam diligentemente pelos sinais de chamada de algum enfermo. Era na bondade paciente, generosa e forte que residia a força para resisitir ao sono, tão natural.

Não era o facto de nos levarem os medicamentos no seu devido tempo, ou a alimentação, ou fazerem a recolha de sangue para analisar, ou verificar a temperatura ou qual-

quer outro trabalho, que nos causava admiração. Era, sim, a maneira delicada e um sorriso sempre a bailar, símbolo de bondade, que nos dispunha bem.

Apetece-nos dizer como o bom Papa João: «A paciência e a calma são duas belas qualidades; a verdade e a bondade são como duas asas.»

E a nossa imaginação levava-nos ao tempo de Jesus, descobrindo a cada instante a Bondade com que tratou os homens: A adúltera, só diz que não peque mais. A samaritana, pede-lhe de beber como sinal de bondade. A pecadora pública muito perdoou, porque muito amou. A que Lhe tocou no manto, deu-lhe a cura dos seus males. Ao ladrão arrependido, promete-lhe o Céu. Sempre a Bondade a dar o tom das Suas actividades.

Em nosso espírito pode andar a Doutrina do Evangelho em afirmações de circunstância, em parábolas, na presença dos Doutores da Lei, para responder a este ou àquele; mas dum modo particular recordamos o Sermão da Montanha, onde há relevo invulgar para actuarmos com bondade, sabendo que a recompensa é sermos felizes.

Padre Duarte

das Palavras do Senhor... Quero, por isso, agradecer imenso a educação incomparável da Obra da Rua, à qual até hoje faço parte — ouço notícias, inteiro-me dos assuntos pel'O GAIATO — e o quanto me afeiçoei a ela, à Obra da Rua.

não tenho bem ideia das Casas. Os anos passam...

Eu acho que os mais antigos conhecem o «Skob». Pois sou eu! Os senhores Padres José Maria, Carlos e Horácio, e os rapazes cujos nomes não recordo de repente, lembram-se de mim.

Para acabar mando um abraço para toda a malta da Obra da Rua, especialmente para aqueles que estiveram em Lourenço Marques: Boavida, «China», etc.

Do vosso sempre amigo e irmão ao dispor,

«Skob»

Correspondência de Família

«Maputo (R. P. Moçambique), 3/9/83

Agradeço imenso o despertar que provoca a doutrina de O GAIATO, o qual venho recebendo quinzenalmente, há dois anos.

Fui gaiato, na Casa do Gaiato de Lourenço Marques. Sei o que é ser gaiato. A Obra da Rua tem muito a ver com a minha infância: fui um «Batatinha»... Na Casa do Gaiato aprendi a profissão que hoje exerço: despachante. Aprendi a ser Homem! Foi lá que aprendi as mais lin-



Tiragem média por edição no mês de Setembro: 51.400 exemplares